

## NA TRILHA DO ENVELHECIMENTO: TEORIAS BIOPSISSOCIAIS SOBRE O ENVELHECIMENTO E AS ATITUDES DE CRIANÇAS EM RELAÇÃO A VELHICE

Everton Willian de Oliveira Cavalcanti<sup>1</sup>

Pedro Vinícius Lins Oliveira Lima<sup>2</sup>

Márcia Regina Barbosa<sup>3</sup>

Nayana Pinheiro Tavares<sup>4</sup>

**Resumo:** A maneira com que se envelhece não é homogênea. Cada corpo envelhece de uma forma, evidenciando assim a diversidade, e ao mesmo tempo, a singularidade desse processo. A pluralidade dos elementos que permeiam esse processo, justifica, em certa medida, a interdisciplinaridade que se percebe nos estudos sobre o idoso. Compreender esse fenômeno por apenas uma lente parece ser uma escolha redutiva e não capaz de favorecer essa diversidade. Essa pesquisa, que surge como um recorte do trabalho monográfico “O lugar da velhice na escola: atitudes de crianças em relação à velhice”, que teve por objetivo geral analisar as atitudes de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental em relação à velhice; com coleta de dados a partir da aplicação de questionário e da Escala Todaro e a análise dos resultados a partir da técnica de análise de conteúdo. No que concerne a esse recorte, o mesmo teve por objetivo identificar as principais teorias biológicas, psicológicas e sociais do envelhecimento e analisar as relações com as atitudes de crianças em relação à velhice. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica onde puderam ser levantadas

1 Mestrando do Curso de Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UF, everton.cavalcanti@ufpe.br;

2 Graduando do Curso de Bacharelado em Fisioterapia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, plins0404@gmail.com;

3 Pós Doutorado pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Professora Associada 2 na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, marcia.barbosa@ufpe.br

4 Professora orientadora: Pós Doutorado em Políticas Comparadas de Envelhecimento Ativo e o papel da Educação pela Universidade de Salamanca, Professora Adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, nayana.pinheiro@ufrpe.br.

referências sobre cada uma das teorias e confrontadas com os achados do trabalho monográfico supracitado. Os nossos resultados demonstraram que ainda há uma tendência a observar o envelhecimento exclusivamente pela ótica das teorias biológicas, o que se reduz a possibilidade de analisar o processo de envelhecimento em toda sua amplitude e complexidade e direciona a atitudes pautadas em referências físicas do envelhecimento.

**Palavras-chave:** Teorias do envelhecimento, Velhice, Interdisciplinaridade, Atitudes

## Introdução

A preocupação com a existência do envelhecimento e de como ele ocorre, é algo que tem rondado a humanidade desde os mais remotos tempos, encontrando em diversas mitologias, nas mais diferentes culturas, formas de apreciar e vivenciar este processo (MOREIRA, 2016; TRENCH e ROSA, 2011). Diversas categorias (gênero, etnia, condição socioeconômica, diferenças culturais) influenciam no processo de envelhecimento (MINAYO e COIMBRA JÚNIOR, 2002; TRENCH e ROSA, 2011).

Uma possibilidade de tornar clara as diferentes formas de envelhecer, é observar os resultados desse processo em diferentes indivíduos, como foi apontado por Papalia, Olds e Feldman (2010), ao discutir sobre o astronauta John H. Glenn Jr., que foi o primeiro homem americano a orbitar a Terra e, trinta e sete anos após este feito, foi a pessoa mais velha a ir ao espaço.

Essa discussão proposta pela autora traduz como os hábitos de uma vida influenciam em como se chega à velhice, pois, segundo Moreira (2016), baseado em McDonald (2014), a forma como se vive influencia diretamente a forma como vai envelhecer, principalmente considerando que um homem não apresenta a mesma forma de lidar com o mundo que outro homem, sendo assim o envelhecimento algo personalizado para cada ser vivo.

Contudo, mesmo considerando a diversidade do processo de envelhecimento, alguns aspectos são comuns a este fenômeno. Aqui serão apresentados alguns, tais como os biológicos, cognitivos e psicossociais.

O envelhecimento é um processo irreversível, que ocorre de maneira natural e de forma específica em cada indivíduo (HAYFLICK, 1996; MORAES, MORAES E LIMA, 2010, MOREIRA, 2016; NERI, 2013; PAPALIA, OLDS e FELDMAN 2010). Este fenômeno ocorre à medida que a idade cronológica aumenta, sendo acompanhado de algumas perdas progressivas no organismo e papéis sociais. Este processo é único e depende de algumas capacidades básicas, adquiridas e do meio em que o indivíduo esteja inserido (MOREIRA, 2016).

O que causa o envelhecimento? Esta pergunta, feita em diversos momentos e nas mais diversas culturas e sociedades, é, até hoje, geradora de diversas problematizações. O que pode ser apontado como causa da senescência<sup>13</sup> foi uma dúvida que levou diversos autores a levantar as mais variadas teorias do envelhecimento, a fim de explicar as causas para este processo. Essas

explicações surgiram das diversas áreas do conhecimento, o que deu origem a criação de teorias biológicas, psicológicas e sociais do envelhecimento.

Diante disso, essa pesquisa adentrará nas diversas teorias sobre o processo de envelhecimento, buscando identifica-las e analisa-las a fim de possibilitar uma compreensão mais ampla desse processo, bem como, buscar relacioná-las às atitudes de crianças em relação à velhice identificadas por diversas pesquisas<sup>5</sup>.

## Metodologia

A escolha de um trajeto metodológico interfere de maneira direta nos resultados que serão obtidos numa pesquisa. A metodologia aqui apresentada será, inicialmente, a referente ao trabalho monográfico que originou esse recorte, para, em seguida, se apresentada o trajeto metodológico específico para esse recorte. Assim, o trabalho monográfico, se classificou, enquanto abordagem, como uma pesquisa qualitativa. Essa escolha de abordagem levou em consideração que

ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 21-22).

Em consonância, Gerhardt e Silveira (2009), afirmam que “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (p. 32). Também foi classificada como uma pesquisa exploratória descritiva. Exploratória pois “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais claro ou a construir hipóteses (GIL, 2002, p. 41) e descritiva pois teve como objetivo a “descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então o estabelecimento entre variáveis” (GIL, 2002, p. 42).

O campo da pesquisa selecionado foram escolas públicas estaduais do Recife que ofertassem o ensino fundamental anos iniciais e que não recebessem nenhuma outra verba a não ser a oriunda do financiamento do governo.

<sup>5</sup> CAVALCANTI, 2018; LUCHESI, DUPAS E PAVARINI, 2012; LUCHESI, PAVARINI E VIANA, 2012; OLIVEIRA *et al*, 2015; TODARO, 2008; TODARO, 2017.

Em relação aos sujeitos, foram selecionados estudantes dessas escolas, do turno da manhã e que estivessem matriculados nos quartos e quintos anos. Essa escolha se deu pela necessidade de que os estudantes soubessem ler, devido ao instrumento utilizado para a coleta dos dados.

O instrumento de coleta selecionado foi um questionário, que, segundo Molina Neto e Trivinos (2010), ao citar Hayman (1974), corresponde a uma lista de perguntas mediante a qual se obtém informações de um sujeito ou grupo de sujeitos.

O questionário utilizado no trabalho monográfico foi dividido em duas partes. A primeira parte corresponde a questões que versam sobre a identificação do participante (mantendo o anonimato do mesmo), a escolaridade e a convivência diária com idosos. A segunda parte foi composta por uma escala<sup>6</sup>.

A escala selecionada para fazer parte do questionário foi a Escala Todaro. A mesma, uma escala diferencial semântica<sup>7</sup>, consiste em uma adaptação construída a partir da Escala Neri<sup>8</sup>, a qual avalia a atitude de crianças em relação à velhice. Essa escala possui um total de quatorze pares de adjetivos antagônicos dispostos em quatro categorias (cognição, agência, relacionamento social e persona) e disposta em três níveis de intensidade. A seleção de um dos adjetivos de cada par deve ser relacionada a afirmação: Os Idosos são.

A análise se deu através da técnica da análise de conteúdo, proposta por Bardin (2010). A análise de conteúdo pode ser entendida como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadoras (quantitativas ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2010, p. 44).

- 6 Escalas são instrumentos de avaliação psicológica em que o respondente atribui pesos ou graus de intensidade a elementos que lhe são oferecidos para julgar, os quais lhe são apresentados sob a forma de uma sequência de itens escolhidos com base em uma teoria e em pesquisa empírica (TODARO, 2017, p. 141)
- 7 Uma escala diferencial semântica busca medir a reação das pessoas expostas a palavras e conceitos por meio de escalas bipolares, definida com adjetivos antônimos em seus extremos. (ANDRADE et al., 2009)
- 8 Escala diferencial semântica brasileira mais utilizada para avaliar a atitude de pessoal em relação à velhice, composta por trinta pares de adjetivos antagônicos, com cinco níveis de intensidade (em sua versão reformulada).

Em relação a esse recorte em específico, utilizamos os dados coletados através do instrumento supracitado e o referencial teórico estabelecido no trabalho monográfico. Para ampliar as análises propostas nessa pesquisa, utilizamos, ainda, os artigos<sup>9</sup> encontrados na fase exploratória do trabalho supracitado. Dessa forma, partiu-se desses pressupostos e critérios para construir a análise dos dados advindos da fase exploratória da pesquisa, bem como os dados oriundos da aplicação do questionário.

## Teorias do envelhecimento: aproximações teóricas

Diversos estudos (CARVALHO E RODRÍGUEZ-WONG, 2008; FREITAS, 2016; OMS, 2005) mostram que a manutenção e melhoria da saúde do idoso está incrustada de fatores que perpassam por diversas áreas do conhecimento, considerando que o processo de envelhecimento não se encerra no envelhecimento biológico, e sim está ligado ao envelhecimento funcional, psicológico, cognitivo e social.

Desta forma, a compreensão do idoso enquanto um ser total, que possui uma variedade de segmentos a serem considerados, se faz importante para a compreensão desta nova realidade demográfica brasileira. Assim, apontaremos as principais teorias sobre o envelhecimento buscando identificar as características de cada uma. Para essa apresentação, iremos identifica-las separadamente em teorias biológicas, teorias psicológicas e teorias sociais.

### Teorias Biológicas

De acordo com Moreira (2016) as teorias biológicas estão agrupadas nas mais diversas formas e categorias, entretanto, todas tentam de alguma forma englobar “aspectos genéticos, bioquímicos e fisiológicos de um organismo” (MOREIRA, 2016, p. 18).

9 LUCHESI, B. M; DUPAS, G; PAVARINI, S. C. I. **Avaliação da atitude de crianças que convivem com idosos em relação à velhice.** Rev. Gaúcha Enferm. Vol 33, Nº 4, p. 33-40, 2012;  
LUCHESI, B. M; PAVARINI, S. C. I; VIANA, A. L. **Alterações cognitivas de idosos em contexto domiciliar e atitudes de crianças em relação à velhice.** Rev. Esc. Enferm. Vol 46, Nº 2, p. 335-342, 2012;  
OLIVEIRA, N. A; LUCHESI, B. M; INOUE, K; BARHAM, E. J; PAVARINI, S. C. I. **Avaliação da atitude das crianças que convivem com idosos em relação à velhice.** Acta Paul. Enferm. Vol 28, Nº 1, p. 87-94, 2015;

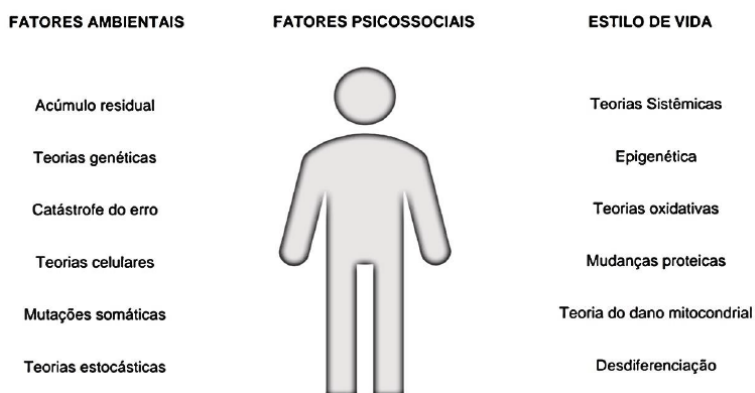
Inicialmente, pode parecer haver uma aproximação do envelhecimento com a doença, porém, de acordo com um dos pioneiros da Biogerontologia, Leonard Hayflick (1996), o envelhecimento não se caracteriza como uma doença, pois diferentemente das patologias, suas modificações expressam-se das mais diversas maneiras, a saber:

- Ocorrem em qualquer animal que alcança a idade adulta
- Dão-se após a maturação sexual
- Aumentam a vulnerabilidade à morte
- Ultrapassam virtualmente as barreiras entre as espécies, ocorrendo de maneira diversificada, porém constante e com uma trajetória demarcada, para cada espécie (HAYFLICK, 1996, p. 35-41).

Tomando por base os estudos de McDonald (2014), Moreira (2016) afirma que na contemporaneidade não se considera mais viável apontar uma causa única para o envelhecimento, tendo em vista a ação de inúmeros processos em cada espécie, de forma complexa. Pode ser visto como um holograma multifatorial, com variações inúmeras, até mesmo para uma única espécie, amplamente suscetível a influências ambientais e, também, submetido a polimorfismos genéticos e variações da expressão gênica (CUNHA, 2011).

Esta complexidade de influências no processo de envelhecimento pode ser visualizada na Figura 1, construída a partir do que foi apontado por Moreira (2016).

**FIGURA 1.** Complexidade do envelhecimento e suas inúmeras influências.



Fonte: Cavalcanti (2018).

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2010) as teorias sobre envelhecimento biológico comumente estão organizadas em duas categorias (Tabela 1): teorias de programação genérica e teorias de taxa variável.

As teorias de programação genética defendem que há um envelhecimento inevitável, e que ele ocorre determinadamente de acordo com o relógio evolutivo normal e inato dos genes. Essas teorias podem ser divididas em quatro.

A Teoria da Senescência Programada, que afirma que envelhecer é o resultado de um contínuo ligar e desligar de certos genes. Senescência é o tempo em que os déficits associados ao resultado da idade ficam evidentes. A Teoria Endócrina tem por argumento que relógios biológicos atuam por meio de hormônios para controlar o passo do envelhecimento. A Teoria Imunológica aponta que há um declínio programado em funções do sistema da imunidade leva a uma crescente vulnerabilidade com predisposição para doenças infecciosas e, portanto, para o envelhecimento e morte. E a Teoria Evolucionária que acredita que envelhecer é um traço evolutivo que possibilita aos membros de uma espécie viver somente o suficiente para reproduzir (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2010).

Já as teorias de taxas variáveis, consideram que o envelhecimento é resultado de diversos processos randômicos, que sofrem variação de pessoa a pessoa, como pode ser visto na tabela abaixo. Essas também podem ser divididas em quatro.

Teoria do Desgaste Normal aponta que as células e tecidos têm partes vitais que se desgastam. Teoria dos Radicais Livres afirma que o envelhecimento é devido a danos acumulados de radicais de oxigênio causam paradas no funcionamento de células e eventuais órgãos. Teoria da Taxa de Vida associa a taxa de metabolismo com o tempo de vida, apontando que quanto maior a taxa de metabolismo de um organismo, menor é seu tempo de vida. Na Teoria da Auto-imunidade é afirmado que o sistema de imunidade se torna confuso e ataca suas próprias células corporais (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2010).

Moreira (2016) apresenta, baseado em Teixeira e Guariento (2010), que as teorias do envelhecimento biológico, são frequentemente categorizadas em: teorias programadas e teorias estocásticas. Para tais autores, as teorias programadas baseiam-se na ideia do relógio biológico, assim como apresentado por Papalia, Olds e Feldman (2010) para as teorias de programação genética.

Já as teorias estocásticas são definidas como aquelas que apresentam um condicionamento às alterações moleculares e celulares, que ocorrem de forma



progressiva e de maneira aleatória, promovendo danos nas estruturas biológicas para manutenção da vida. Sendo assim, também apresenta um conceito próximo ao trazido por Papalia, Olds e Feldman (2010) para as teorias de taxas variáveis. Desta forma, é possível verificar apenas uma diferença em nomenclatura, porém permanecendo os conceitos relacionados para tais autores e trabalhos (MOREIRA, 2016; PAPALIA, OLDS E FELDMAN 2010).

## Teorias Psicológicas

Partindo de outra área do conhecimento, a área da Psicologia, vimos que, nos últimos sessenta anos, objetivando compreender os padrões de mudanças comportamentais associados ao avançar da idade, o processo de envelhecimento foi alvo de diversos estudos<sup>10</sup> (NERI, 2013). Essa investigação teórica realizada, se ancora na busca por entender o envelhecimento para além das questões biológicas, apontando para a interdisciplinaridade da temática envelhecimento.

Neri (2013) discute, à luz da neuropsicologia, as diversas teorias psicológicas do envelhecimento que foram surgindo no decorrer dos anos, apontando suas características. Didaticamente, a autora as organizou em três categorias: teorias clássicas, teorias de transição e teorias contemporâneas. Essas teorias, diferentemente das biológicas, buscam explicar o envelhecimento a partir das alterações comportamentais que foram e são observadas durante o processo de envelhecimento e como as mesmas o justificam.

Para facilitar a compreensão e entendimento de tais teorias, será utilizado o recurso da tabela com um breve resumo de cada teoria. As tabelas seguirão a divisão didática proposta por Neri (2013).

Primeiramente encontramos as teorias clássicas (tabela 1).

---

10 BALTES, P. B. Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, Vol 23, Nº 5, p. 611-626. 1987;  
CHARNESS, N. Psychological models of aging: How, who, and what? A comment. *Canadian journal on Aging*, Vol 14, Nº 1, p. 67-73. 1995;  
SCHROOTS, J. J. F. Psychological models of aging. *Canadian Journal on Aging*, Vol 14, Nº 1, p. 44-66. 1995a;  
SCHROOTS, J. J. F. Theoretical Developments in the Psychology of Aging. *The Gerontologist*, Vol 36, Nº 6, p. 742-748. 1996;  
THOMAE, H. Theory of aging and cognitive theory of personality. *Human Development*, Vol 13, p. 1-16. 1970.

**TABELA 1.** Teorias Psicológicas do Envelhecimento. Teorias Clássicas.

|                  |  |  |
|------------------|--|--|
| <b>Clássicas</b> | <p><i>Desenvolvimento psicológico ao longo da vida</i></p> <p><i>Desenvolvimento ao longo da vida</i></p> <p><i>Tarefas evolutivas</i></p> <p><i>Estações da vida adulta</i></p> | <p>A vida é dividida em duas metades de acordo com as metas predominantes em cada uma. A primeira metade compreende a infância, adolescência e início da fase adulta (até os quarenta anos) e a segunda inicia nos quarenta anos e segue até o fim da vida. Existe uma progressão ordenada de mudanças em atitudes, metas e realizações ao longo do desenvolvimento, replicando os movimentos de crescimento, culminância e contração observados no desenvolvimento biológico. São desafios normativos associados às idades cronológicas. Compreendem habilidades, conhecimentos, funções e atitudes que o indivíduo deve adquirir em dado momento de sua vida, sob a ação da maturação física, das perspectivas sociais e dos esforços pessoais. É representada pelo cumprimento de tarefas evolutivas que significam conquista do <i>status</i> adulto, e a fase de contração é caracterizada como de revisão de vida.</p> |
|------------------|--|--|

**Fonte:** Adaptado de Neri (2013).

Em seguida podemos verificar, de ainda de acordo com Neri (2013) as teorias de transição (tabela 2).

**TABELA 2.** Teorias Psicológicas do Envelhecimento. Teorias de Transição.

|                  |   |  |
|------------------|---|--|
| <b>Transição</b> | <p><i>Psicossocial do desenvolvimento da personalidade ao longo da vida</i></p> <p><i>Social-interacionista do desenvolvimento no curso de vida</i></p> | <p>De acordo com essa teoria, o desenvolvimento pode ser descrito como sucessão de oito fases ou ciclos, cada um caracterizado pela emergência de um tema ou crise evolutiva. Indivíduos e coortes internalizam o relógio social<sup>11</sup>, que serve para regular o senso de normalidade, ajustamento e pertencimento a uma coorte. O curso de vida é construído pelas crenças sociais sobre como devem ser as biografias individuais, por sequências institucionalizadas de papéis e posições sociais, por restrições e permissões em relação aos desempenhos de papéis etários e de gênero e pelas decisões das pessoas.</p> |
|------------------|---|--|

**Fonte:** Adaptado de Neri (2013).

Por fim, a autora nos mostra as teorias contemporâneas (tabela 3).

<sup>11</sup> Mecanismos sociais de temporalização do curso de vida individual e das coortes

**TABELA 3.** Teorias Psicológicas do Envelhecimento. Teorias Contemporâneas

|                      |  |   |
|----------------------|--|---|
| <b>Contemporânea</b> | <i>Desenvolvimento ao longo da vida (lifespan)</i>     | Considera múltiplos níveis e dimensões do desenvolvimento, visto como processo interacional, dinâmico e contextualizado. Integra a noção da existência de mudanças evolutivas de base ontogenética do paradigma de ciclos de vida com as ideias dos paradigmas de curso de vida.  |
|                      | <i>Dependência comportamental ao longo da vida</i>     | Em todas as fases da vida, a dependência pode assumir uma natureza que a qualifica como comportamental, para designar padrões com duas funções básicas. Uma é a obtenção de ajuda para o funcionamento em domínios prejudicados. Outra função é o controle passivo para obter contato social seguro, evitação da solidão e controle sobre o comportamento de outras pessoas.  |
|                      | <i>Seletividade socioemocional ao longo da vida</i>    | Na velhice, as metas de busca de informação são substituídas por metas de busca de regulação emocional. Ou seja, a redução nos contatos sociais reflete uma seleção ativa, na qual as relações sociais emocionalmente próximas são mantidas porque têm maior chance de oferecer conforto emocional.   |
|                      | <i>Controle primário e secundário ao longo da vida</i> | Definem controle primário como a adequação do ambiente aos próprios desejos, e controle secundário, como a adequação de si mesmo ao ambiente. O primeiro permite aos indivíduos moldar o ambiente para controlá-lo e atualizar seu potencial de desenvolvimento. O segundo serve para minimizar e compensar as perdas em controle primário, mantê-lo e ampliá-lo. A capacidade de criar um equilíbrio ótimo entre estratégias de controle primário e secundário favorece o bem-estar subjetivo e a continuidade do desenvolvimento em domínios selecionados na velhice. |
|                      | <i>Eventos críticos ao longo da vida</i>               | Esta teoria versa sobre o papel dos eventos não normativos incontroláveis, ou eventos críticos, em virtude de seu forte potencial de influenciar o curso do envelhecimento. Eventos críticos não são ocorrências isoladas, mas processos que se desdobram no tempo, têm alta saliência emocional, desafiam o ajustamento preexistente entre a pessoa e o ambiente e conduzem a comportamentos de enfrentamento que têm como objetivo restabelecer o ajustamento entre a pessoa e o ambiente.  |

**Fonte:** Adaptado de Neri (2013).

É possível observar que todo esse esforço em compreender como o comportamento influenciava na velhice de indivíduos possibilitou a construção de inúmeras teorias. Contudo, possível também observar que o desenvolvimento dessas teorias acompanhou os avanços em debates sobre o desenvolvimento dos paradigmas do curso de vida (sociologia), bem como o paradigma do desenvolvimento ao longo de toda a vida (psicologia). Tendo esse surgimento acompanhado, também, a emergência de novos conceitos, metodologia, aumento do quantitativo de idosos na sociedade e necessidade de mudanças reais nessa compreensão e relação (NERI, 2013).

## Teorias Sociais

Procurando ainda explicar o envelhecimento, há outra vertente de teorizações sobre o mesmo. As teorias sociais do envelhecimento, que tem por característica principal, explicar o processo de envelhecimento a partir das relações da pessoa idosa com a sociedade, surgiram juntamente com a constituição da Gerontologia enquanto campo científico estruturado (DOLL ET AL, 2007).

Assim como verificado por Doll et al (2007), esta pesquisa percebeu que discutir as teorias sociais do envelhecimento configura-se como um desafio, tendo em vista a baixa quantidade de estudos e publicações que tratam dessa temática específica, principalmente em português.

Um dos trabalhos com destaque é o realizado por Siqueira (2001) onde trata de diversas características das teorias sociais do envelhecimento, buscando traçar aproximações e distanciamentos entre as mesmas. A autora apresenta também as diversas formas com que tais teorias podem ser classificadas, de acordo com o nível de análise, o período em que foi idealizada (critério de geração) e as influências exercidas (SIQUEIRA, 2001).

Considerando a classificação em critério de geração, as teorias podem ser distribuídas em três gerações. A fim de não estender a discussão a um nível que não convém a essa pesquisa, aqui serão discutidas apenas as teorias de primeira geração ou teorias clássicas, que são: teoria da atividade, teoria do desengajamento, teoria da modernização e teoria da subcultura (DOLL ET AL, 2007; SIQUEIRA, 2001).

A teoria da atividade se desenvolveu no final da década de 1940. Tendo por proposição básica, os efeitos da diminuição dos níveis de atividade sobre o surgimento de patologias; buscou associar as patologias a essa diminuição

(SIQUEIRA, 2001). Para a manutenção de um autoconceito positivo e a ampliação das possibilidades de adaptação, os idosos devem substituir os papéis sociais perdidos em virtude do envelhecimento por outros (NERI, 2013). Assim, essa teoria propõe um sistema de manutenção da participação social do idoso, mesmo que em papéis sociais diferentes dos usualmente desempenhados no decorrer da vida.

Em contradição ao que estava sendo proposto

a teoria do desengajamento questionou quase todos os pressupostos gerontológicos sobre os desejos das pessoas idosas em relação ao trabalho, ao afirmar que as pessoas idosas desejam reduzir seus contatos sociais, e que com isso se sentem mais felizes e contentes. A atividade continuada, um valor da meia idade, é questionada como um valor necessário para os idosos, pois isso leva em algum momento no processo do envelhecimento a um conflito entre a continuidade da atividade e da expansão, de um lado, e o enfrentamento subliminar com o final da vida, de outro lado (DOLL ET AL, 2007, p. 14).

Sendo o desengajamento um afastamento natural e normal das pessoas que envelhecem dos papéis sociais e das atividades da vida adulta, paralelamente a esse afastamento, ocorreria aumento da preocupação com o self e declínio do envolvimento emocional com os outros (NERI, 2013). Esse desengajamento poderia ocorrer partindo da própria pessoa que está envelhecendo, bem como da sociedade (DOLL ET AL, 2007).

A teoria da modernização descreve a relação entre a modernização e as alterações nos papéis sociais desempenhados pelos idosos e o *status* atrelado a esses indivíduos. De acordo com Siqueria (2001) o principal argumento dessa teoria é de que o *status* da pessoa idosa está diretamente relacionado ao nível de industrialização da sociedade na qual está inserido. O *status* social do idoso vai sendo modificado cronologicamente de maneira curva e não linear.

Doll et al (2007) afirma que nas sociedades primitivas, onde a caça era a principal atividade, os idosos possuíam baixo *status* social. Ao adentrar no período em que a agricultura se torna principal atividade e a posse de terra se configura como principal instrumento da economia, os idosos atingem um topo no seu *status* social, contudo, com a chegada da modernização, a agricultura decai, a urbanização aumenta, bem como os núcleos familiares e, assim, o *status* social da pessoa idosa decai fortemente.

Por último, a teoria da subcultura, apresenta como principal argumento a existência de uma cultura específica do público idoso, gerada pelo aumento das relações sociais entre eles e a exclusão dos demais segmentos e grupos sociais (SERAFIM, 2007; SIQUEIRA, 2001) o que configura o surgimento de grupos ativistas de apoio as causas do idoso, grupos de convivência e uma predileção nas relações com pessoas da mesma geração.

Encerrando as discussões sobre as teorias do envelhecimento e, a partir do que foi exposto sobre as diversas razões pelas quais o envelhecimento ocorre ou pode ser compreendido, se faz necessária a apresentação de algumas alterações biopsicossociais que são características a esse processo, a fim de ampliar a análise do mesmo.

Alterações biopsicossociais podem ser caracterizadas por aquelas que estão relacionadas ao aspecto físico (diminuição da capacidade auditiva, cabelos esbranquiçados e etc), psicológico (aumento da incidência de depressão, etc) e social (relações familiares, relações intergeracionais, etc).

A partir da identificação das diversas teorias e suas categorias, é possível também identificar e compreender as principais alterações relacionadas a cada uma dessas áreas (biológicas, psicológicas e sociais). Assim, pontuamos a seguir algumas alterações evidenciadas no processo de envelhecimento, seguindo a divisão proposta para a compreensão das teorias do envelhecimento.

### **Alterações Biológicas**

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2010) algumas mudanças físicas são características do processo de envelhecimento, apesar de ocorrerem de maneiras diferentes de indivíduo a indivíduo, pois alguns organismos entram em declínio mais rapidamente que outros, bem como situações exógenas atuantes no organismo geram, também, respostas diferentes ao envelhecimento.

O esbranquiçar dos cabelos, a perda da elasticidade e do brilho e ganho de rugas na pele, o surgimento de varizes nas pernas, as pálpebras superiores se tornam mais flácidas, diminuição da capacidade auditiva e visual, perda de massa muscular e força muscular, redução do tamanho devido à diminuição dos discos vertebrais. Essas são algumas alterações visíveis e conhecidas do senso comum, porém ainda ocorrem mudanças que afetam os órgãos internos, o cérebro, o funcionamento sexual, funcional e motor, ou seja, o organismo em geral (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2010; PEREIRA, 2016).

As repercussões funcionais do envelhecimento fisiológico (senescência) do SNC<sup>12</sup> são controversas e não afetam significativamente as funções cognitivas<sup>13</sup>. [...] Observam-se, clinicamente, lentificação no processamento cognitivo, redução da atenção (déficit atencivo), mais dificuldade no resgate das informações aprendidas (memória de trabalho) e redução da memória prospectiva (“lembrar-se de lembrar”) e da memória contextual (dificuldades com detalhes). [...] A velocidade na qual a informação é processada representa a alteração mais evidente do idoso. A lentidão cognitiva influencia todas as outras funções e pode ser responsável pelo déficit cognitivo em idosos. A lentidão no processamento de informações é observada em idosos em sua dificuldade em compreender textos, necessidade de explicações mais ricas e extensas e de mais tempo para executar cálculos (MORAES, MORAES e LIMA, 2010, p. 69).

## Alterações Psicológicas

As alterações físicas não são as únicas durante a chegada à velhice. De acordo com Zimmerman (2000), o processo de envelhecimento traz consigo uma série de mudanças psicológicas, a saber

- dificuldade de se adaptar a novos papéis;
- falta de motivação e dificuldade de planejar o futuro;
- necessidade de trabalhar as perdas orgânicas, afetivas e sociais;
- dificuldade de se adaptar às mudanças rápidas, que têm reflexos dramáticos nos velhos;
- alterações psíquicas que exigem tratamento;
- depressão, hipocondria, somatização, paranoia, suicídios;
- baixa auto-imagem e auto-estima (ZIMMERMAN, 2000, p. 25)

Essas alterações elencadas acima não são as únicas, contudo são as mais frequentemente associadas a esse processo. Ainda nesse mesmo estudo, Zimmerman (2000) afirma que a hereditariedade, a história e a atitude de cada indivíduo durante o processo de envelhecimento está diretamente relacionado a como essas alterações irão aparecer ou em qual nível irão afetar a vida dos mesmos.

---

12 Sistema Nervoso Central

13 “O termo cognição corresponde à faixa de funcionamento intelectual humano, incluindo percepção, atenção, memória, raciocínio, tomada de decisões, solução de problemas e formação de estruturas complexas do conhecimento” (MORAES, MORAES e LIMA, 2010)



## Alterações Sociais

Papalia, Olds e Feldman (2010) afirma que essas alterações podem influenciar, ainda, a participação de idosos na busca por novos aprendizados, pois os idosos aprendem melhor quando o processo educacional considera as suas necessidades específicas e compreendem as alterações cognitivas que o processo de envelhecimento acarreta no organismo. Contudo, continuar a aprender pode proporcionar a oportunidade dos idosos permanecerem mentalmente mais alertas (PAPALIA, OLDS E FELDMAN 2010).

Há ainda uma associação do envelhecimento com a sabedoria, como se a pessoa idosa fosse, inexoravelmente, uma pessoa sábia (GONÇALVES, LAMELA E BASTOS, 2013;

PAPALIA, OLDS E FELDMAN 2010). Sternberg (1998) aponta que a sabedoria pode ser compreendida como uma forma de inteligência, ligada a aspectos práticos. Isso pode estar relacionado ao que Baltes e seus colegas (1997), de acordo com Papalia, Olds e Feldman (2010), verificaram ao apontar seu *modelo de processo dual*<sup>14</sup>, argumentando que a pessoa com idade mais avançada pode possuir um maior desenvolvimento da dimensão *pragmática da inteligência*<sup>15</sup>, o que explicaria a tendência de associar a sabedoria à pessoa idosa.

Foi verificado por Papalia, Olds e Feldman (2010), embasada no estudo de Carstensen (1996), que com a chegada da idade mais avançada as pessoas tendem a designar menos tempo para estar com outras pessoas. “A interação social está associada à saúde e ao isolamento, e é um fator de risco de mortalidade” (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2010, p. 679).

## Resultados e discussão

Os achado de Cavalcanti (2018) na aplicação da Escala Todaro indicou que as crianças (n=92) possuíram atitudes mais positivas em relação a velhice, alcançando 1,53 pontos (dp=0,33). Essa pontuação aponta para uma atitude

14 “Modelo de funcionamento cognitivo, proposto por Baltes, que identifica e busca medir duas dimensões da inteligência: mecânica e pragmática” (PAPALIA, 2010).

15 Dimensão da inteligência que tende a crescer com a idade e inclui pensamentos práticos, aplicação de conhecimento e habilidades técnicas, conhecimento especializado, produtividade profissional e sabedoria (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2010).



mais positiva das crianças, tendo em vista que quanto mais próximo de um (01) mais positiva é a atitude e quanto mais próximo de três (03), mais negativa.

Luchesi (2011), em sua pesquisa utilizando a mesma escala, observou uma pontuação semelhante. Em seu estudo a média atingida pelas crianças (n=57) foi 1,59, configurando também uma atitude positiva sobre a velhice.

Na pesquisa que culminou na construção da Escala Todaro para avaliação de atitudes de crianças em relação à velhice, Todaro (2008) aplicou a escala a duzentas e quarenta e oito crianças, com sete a dez anos, e obteve de média, inicialmente, 1,52 pontos, e após intervenções educacionais, obteve 1,38 pontos de média.

Dessa forma os resultados encontrados por Cavalcanti (2018) confirma os achados das duas autoras anteriormente aqui citadas, no que se refere as atitudes de crianças em relação a velhice, e, também, confirma os achados de Herrera (2000), Pinquart, Wenzzel e Sörensen (2000), Newman, Faux e Larimer (1997), que apontam em suas pesquisas uma prevalência de atitudes positivas em relação à velhice por parte das crianças.

Outro ponto relevante foi a relação entre convivência com idosos e as médias obtidas. Todaro (2008), ao verificar essa relação, não encontrou uma influência significativa, percebendo, entretanto, uma ligação entre a maior convivência com uma melhor pontuação no domínio cognição.

De acordo com Pinquart, Wenzzel e Sörensen (2000), não é claro na literatura a influência da convivência com idosos na mudança das atitudes de crianças em relação à velhice, contudo, eles, em sua pesquisa, verificaram que a relação intergeracional leva a ganhos para ambos os grupos, sendo possível eliminar estereótipos através dessas relações. Todavia, apesar de não ser clara a relação da convivência com a construção das atitudes das crianças é possível verificar que a atitude que a criança tem em relação a um idoso que com ela convive tende a ser replicada a outros, pois a “experiência pessoal com um idoso parece generalizar para outros adultos idosos” (McGuinn e Ashley, 2002, p. 572. *Tradução do autor*), o que reflete a importância dessa relação ser positiva.

De forma geral, é possível identificar que as atitudes de crianças tendem a ser mais positivas, principalmente quando são mais novas (CAVALCANTI, 2018; TODARO, 2008; LUCHESI, 2013; MCGUINN E ASHLEY, 2002). Porém, também é identificável, que os pares que possuem pontuações mais negativas são aqueles que estão ligados a cognição.

Em um estudo onde foi analisada as representações sociais de velhice, envelhecimento e idoso veiculada por livros infanto-juvenis, Ferreira Et al. (2015) verificou que o significado de velhice estava geralmente associado à

doenças e dependência. Os livros analisados nessa pesquisa eram aqueles que fazem parte do Programa Nacional Biblioteca da Escola, sendo assim, aqueles que são distribuídos nas escolas públicas por intermédio do MEC.

Esses achados indicam uma maior aproximação das concepções sobre a velhice baseadas em aspectos biológicos, dando-se maior ênfase as alterações oriundas da velhice, e também associando esse indivíduo a doença. Contudo, como já indicado nesse trabalho, Hayflick (1996) argumenta que não se pode entender a velhice como uma doença, tendo em vista as diversas especificidades de sua existência.

## Considerações finais

Percebe-se a necessidade de ampliação dos debates sobre o envelhecimento, para além de aspectos biológicos. Compreendendo que esse fenômeno é irreversível, comum a todos, porém, diverso. O processo de envelhecimento, como visto, atua no organismo de forma profunda, alterando maneiras de funcionamento que antes eram usuais e que com a chegada da velhice vão sendo modificadas e necessitam de novas formas de lidar.

As relações sociais, como por exemplo, as relações familiares, a influência da pessoa idosa sobre a educação dos mais novos, as experiências de perda de cônjuges, a aposentadoria e a relação com o trabalho e tantas outras, estão, ainda, no centro da qualidade de vida das pessoas idosas, sendo influenciadas, também pelas alterações fisiológicas, cognitivas e psicológicas pelas quais o indivíduo idoso passa (GONÇALVES, 2010; MORAES, MORAES e LIMA, 2010; PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2010; PEREIRA, 2016).

Diante do que foi exposto no decorrer desse trabalho, é possível verificar, ainda, que essas atitudes negativas em relação à cognição pode interferir na forma como as crianças percebem o idoso em sua relação com a saúde e autonomia, pois se os idosos são bobos, distraídos, e outros adjetivos relacionados a categoria cognição, então a sua autonomia (elemento essencial para a saúde do idoso) estaria prejudicada de forma considerável, estando, assim, prejudicado, adoentado, com perdas de sua funcionalidade.

Por fim, é necessário pontuar que as atitudes são possíveis de serem mudadas, porém quanto mais velhos ficamos, mais difícil se torna essa mudança. Assim, a relevância de ações educativas sobre a velhice já na escola parece ser uma ferramenta que tem grande potencial de colaborar com a superação de uma visão biologicista da velhice e ampliar assim o debate sobre essa temática.

## Referências

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 4ª ed. Lisboa: Edições 70, 2010. 281 p.
- CARVALHO, J. A. M.; RODRÍGUEZ-WONG, L. L. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XXI. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, Nº 3, p. 597-605, 2008.
- CAVALCANTI, E. W. de O. **O lugar da velhice na escola: atitudes de crianças em relação velhice**. 2018, 89 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.
- CUNHA, G. **Mecanismos biológicos do envelhecimento**. In: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2011.
- DOLL, J. et al. Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. **Estud. Interdiscip. Envelheci.** Porto Alegre, v. 12, p. 7-33, 2007.
- FERREIRA, C. P. S; ET AL. A visão do envelhecimento, da velhice e do idoso veiculada por livros infanto-juvenis. **Saúde soc.** São Paulo, v. 24, Nº 3, p. 1061-1075, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902015000301061&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000301061&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 June 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902015133362>
- FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2016.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002. GONÇALVES, C. D. **Sabedoria e educação: um estudo com adultos da Universidade Sênior**. 2010. 401 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitário) – Faculdade de Psicologia e de Ciência da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra. 2010.

GONÇALVES, R., LAMELA, D., & BASTOS, A. (2013). Envelhecimento e sabedoria: só idade não basta. **Actas de Gerontologia**. Porto, v. 1, Nº 1, p. 1-10, 2013.

HAYFLICK, L. **Como e por que envelhecemos**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996. HERRERA, B. S. Actitud de los niños de la escuela serrezuelita de funza frente a los ancianos. **Actualizaciones en Enfermería**. v. 3, Nº 4, p. 10-17, 2000. Disponível em: <https://encolombia.com/medicina/revistas-medicas/enfermeria/ve-34/enfermeria3400-actitud/>. Acesso em: 23 Mai 2018

LUCHESE, B. M. **Crianças que convivem com idosos: atitudes em relação à velhice e percepção sobre a demência**. 2011, 192 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

MCGUINN, K. K; ASHLEY, P. M. M. Children's fears about personal aging. **Educational Gerontology**. San Francisco, v. 28, Nº 7, p. 561-575, 2002. DOI: 10.1080/03601270290099769 MINAYO, M. C. S.; (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa em Educação Física: alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MORAES, E. N.; MORAES, F. L.; LIMA, S. P. P. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Rev. Med. Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 20, Nº 1, p. 67-73, 2010. MOREIRA, V. G. Biologia do envelhecimento. In: FREITAS, E. V.; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2016.

NERI, A. L. Conceitos e teorias sobre envelhecimento. In: MALLOY-DINIZ, L. F.; FUENTES, D.; COSENZA, R. M. **Neuropsicologia do envelhecimento: uma abordagem multidimensional**. Porto Alegre: Artmed, 2013.

NEWMAN, S.; FAUX, R.; LARIMER, B. Children's views on aging: their attitudes and values. **The Gerontologist**. Oxford, v. 37, N° 3, p. 412-417, 1997.

OMS – Organização Mundial de Saúde. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Organização PanAmericana de Saúde, 2005.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Tradução: Carla Filomena Marques Pinto Vercesi et al. 10 ed. Porto Alegre: AMGH, 2010.

PEREIRA, S. R. M. **Fisiologia do envelhecimento**. In: FREITAS, E. V.; PY, L. Tratado de geriatria e gerontologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2016.

PINQUART, M. WENZEEL, S. SÖRENSEN, S. Changes in attitudes among children and elderly adults in intergenerational group work. **Educational Gerontology**. Calgary, v 26, N° 6, p. 523-540, 2000. DOI: 10.1080/03601270050133883

SERAFIM, F. M. M. P. **Promoção do bem estar global na população sénior**: práticas de intervenção e desenvolvimento de actividades físicas. 2007, 301 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade do Algrave, Faro.

SIQUEIRA, M. E. C. Teorias Sociológicas do Envelhecimento. In: NERI, A. L. **Desenvolvimento e Envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papirus, 2001.

STERNBERG, R. J. A Balance Theory of Wisdom. **Review of General Psychology**. Washington, v. 2, N° 4, p. 347-365, 1998.

TODARO, M. DE ÁVILA. Construção da Escala Todaro: atitudes de crianças em relação a idosos. **Horizontes**, v. 35, n. 1, p. 141-150, 1 maio 2017.

TODARO, M. de A. **Desenvolvimento e avaliação de um programa de leitura visando à mudança de atitudes de crianças em relação a idosos**. 2008, 166 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

TRENCH, B.; ROSA, T. E. C. **Nós e o outro:** envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice:** Aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: ArtMed, 2000.